

# A INOMINÁVEL SANDWINA E AS OBREIRAS DA VIDA: SILÊNCIOS E INCENTIVOS NAS OBRAS INAUGURAIS DE FERNANDO DE AZEVEDO

Dra. SILVANA VILODRE GOELLNER

Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
E-mail: goellner@terra.com.br

Ms. ALEX BRANCO FRAGA

Professor da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
E-mail: alexbf@cpovo.net

## RESUMO

*Neste texto analisamos a ausência de referências às mulheres “forçadas” no movimento de incentivo à exercitação feminina do início do século XX. Através das obras inaugurais de Fernando de Azevedo, de fontes históricas e documentos disponíveis on-line, analisamos as formas de exaltação do exercício físico para as mulheres, formulados com base na noção de “obreiras da vida”, buscando a constituição de um corpo feminino capaz de resistir ao parto e da maternidade. Analisamos também o silêncio com relação aos corpos femininos hipertrofiados como os de Sandwina, conhecida por vencer homens em concursos de força física, entre eles Eugene Sandow. Atitudes estas que faziam parte de um projeto que, para Fernando de Azevedo, precisava de mulheres fortes, mas não de mulheres “forçadas”.*



Fonte: Disponível em: <<http://www.amaz.freeyellow.com/forzudas.htm>>. Acesso em: 28 maio 2002.

*PALAVRAS-CHAVE: História da educação física; corpo; gênero.*

Incentivar as mulheres a praticarem exercícios físicos, no início do século XX no Brasil, não era uma tarefa tão simples quanto hoje nos parece ser. Intelectuais que se dedicavam a relacionar benesses físicas e morais da ginástica feminina com o engrandecimento geral da nação recorriam a figuras femininas históricas que, de alguma forma, se envolveram com a prática física, em grande parte vinculada à Grécia Antiga, na tentativa de demover as vozes mais resistentes e convencer a população em geral da magnitude da proposta. Fernando de Azevedo foi um desses intelectuais que se dedicou de “corpo e alma” a tal tarefa<sup>1</sup>. *Da educação física* (1920a) e *Antinoüs: estudo de cultura athletica* (1920b) são frutos dessa dedicação, duas obras que inauguram sua longa trajetória científico-literária.

Nelas, procurou construir uma doutrina pedagógica para a educação física brasileira condizente com o prestígio social dos métodos ginásticos europeus, mais especificamente com os pressupostos higienistas e eugenistas que os fundamentavam. O autor aliou à doutrina os pressupostos de uma cultura greco-romana idealizada pelos humanistas de sua época, justificando o projeto de corpo brasileiro nas imagens perpetuadas pela estatuária.

Fernando de Azevedo exigia da educação física uma ação científica, inserida em um plano nacional de educação, que desenvolveria ao máximo a virilidade, as virtudes da raça e as aptidões hereditárias de cada indivíduo. Uma educação física que,

---

1. Em 1915, bem no início de sua carreira, Fernando de Azevedo chegou a prestar concurso público em Minas Gerais para professor na disciplina de educação física. Apesar de não ter obtido a vaga, desse concurso resultou a publicação do livro *Da educação física* (1920a).

pautada por um estatuto científico e ao mesmo tempo moral, estivesse articulada à medicina e às normas jurídicas em favor de uma nova ordenação dos corpos, constituindo, assim, uma consistente retórica corporal na qual estruturava sua proposta de “corpo-nação”.

Incorporar essa nova crença nas práticas cotidianas da população e enxergá-la no corpo de todos os brasileiros e constituir de forma duradoura uma “moral de enervamentos”, compunham o imaginário social das primeiras obras de Fernando de Azevedo. Para viabilizar tal intento, era necessária uma educação física que fosse capaz de realizar (tornar real) o equilíbrio funcional e morfológico nos indivíduos, levando em conta o lema: “não retardar, mas também não precipitar” o desenvolvimento orgânico dos jovens. Uma educação física que, através da ginástica aplicada, poderia beneficiar a todos, “mas os fracos, sobretudo” (Azevedo, 1920a).

Parece evidente que a força dos pressupostos defendidos por Fernando de Azevedo estava na eliminação da fraqueza orgânica, que, além de debilitar cada sujeito por ela atingido, também debilitava a idéia de uma nação poderosa. Entretanto, não só pelo viés da eliminação da fraqueza os argumentos em prol de um corpo robusto e viril foram construídos, havia também a defesa intransigente de uma exercitação na “justa medida”, de uma composição corporal equilibrada, da qual Antinoiús era a representação masculina máxima; em oposição à musculatura excessiva representada por Hércules de Farnese, “resultado ephemero e scenico da hypertrophia muscular” (Azevedo, 1920a), de quem qualquer plano de exercício físico digno deveria se distanciar.

Ao longo das duas obras (1920a, 1920b), Fernando de Azevedo rechaça o desenvolvimento dos ideais e a prática da hipertrofia muscular e, de maneira muito sutil, localiza geograficamente os lugares de “fomento” dessa afronta ao princípio fundamental da composição corporal equilibrada. Apoiado no conceito grego de *athletica*, Azevedo critica o entendimento de esporte nos países anglo-saxões, principalmente por considerar que desenvolviam um plano incompleto e por vezes artificial.

Entre os povos modernos, os ingleses, entre os quaes nunca se apagou a tradição do exercício, mas antes se desenvolveu a ponto de darem a illusão de que a Inglaterra é a patria dos esportes, nunca estudaram o mecanismo interior, que póde ligar o esporte á pedagogia, nem viram no exercício senão o beneficio brutal, o *prazer physico* e a saude, sem querer pôr no esporte logica, sensibilidade e moral, sem querer dirigi-lo a fim de arte e de belleza. Os ingleses, como os romanos, não pareciam vêr no esporte senão o seu *papel hygienico*, o meio de adquirir e conservar a bella saude; nunca viram o reverso da medalha: a sua função esthetica. O esporte de facto, na concepção grega, é tambem uma *arte plastica*. E, sob este ponto de vista, tem sido falha a concepção da *athletica* na Inglaterra (Azevedo, 1920b, p. 32).

De certa forma, Azevedo deixava entender que a concepção inglesa estaria mais propensa à produção de Hércules do que de Antinoüs; “encarnados” nos monstruosos lutadores de feira, que à época eram encontrados em maior profusão no país bretão ou em países que incorporavam tal concepção. Esses simulacros masculinos deveriam passar por um processo de paulatina eliminação, assim como os corpos indolentes, em prol de uma composição corporal equilibrada – nem tão grotesco, nem tão frágil.

É interessante notar que, mesmo que de forma negativa, Fernando de Azevedo não deixava de citar o mais famoso hipertrofiado da antiguidade clássica como exemplo de um mau uso da exercitação, prejudicial à constituição de um corpo masculino ideal. Aos corpos femininos não há referências tão explícitas sobre figuras idealizadas como há em relação a Antinoüs, muito menos cita qualquer exemplo de hipertrofia das formas femininas. E não é porque não existissem mulheres hipertrofiadas em “carne-e-osso”, mas sim porque os corpos femininos excessivos eram considerados uma aberração sem precedentes e significavam um sério risco aos propósitos de generalização dos exercícios físicos para as mulheres. Citá-los, mesmo que negativamente, poderia significar reconhecimento, talvez por isso seguiam inomináveis na obra de Fernando de Azevedo.

Diferentemente do que acontece com o corpo masculino, Fernando de Azevedo não elege uma única estátua como referência feminina, são várias as suas imagens recorrentes. Por vezes, cita alguns nomes como, por exemplo, Vênus ou Afrodite sem as localizar como figuras exemplares que constituem um modelo de inspiração para a produção de outros corpos. Quando a referência é feminina o plural se impõe ao singular e o individual sucumbe ao coletivo. Azevedo fala das “obreiras da vida”, mulheres de seu tempo que, ao serem moldadas pela exercitação física, se aproximaram dos “genuínos exemplares da plastica hellenica” ou, como não se cansa de citar, das “nymphas e deusas”.

Ao conferir às mulheres um papel social a se concretizar na condução de uma maternidade sadia, seus argumentos são construídos de forma que evidenciem a importância do exercício físico para a realização de tal intento. Exercitação direcionada não apenas para o cuidado e a preservação do corpo–saúde das “obreiras da vida”, mas também do corpo–saúde da própria nação.

A mulher, diz Fouillée, não está encerrada no seu “eu”: ella é a humanidade visível; e a sua educação, uma obra cujo interesse se projecta além do individuo [...] O que é, pois, preciso, é ver na menina, que desabrocha, a mãe de amanhã: formar physicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura (Azevedo, 1920a, p. 100).

Destituídas de suas individualidades, as “obreiras da vida” encerram em si

mesmas um bem social visto que é no seu corpo que são alojadas a esperança de uma prole sadia. É no seu corpo que se gesta o bom fruto e o “fructo é o transbordamento da seiva que se desprende para reproduzir-se” (Azevedo, 1920a, p. 10). O fruto é, portanto, resultado de um projeto social que percorre o corpo feminino inscrevendo nele marcas que, simultaneamente, evidenciam seu fortalecimento e asseguram sua fragilidade, uma vez que continuam a demarcar seu local social a partir dos contornos de sua natureza anatômica<sup>2</sup>.

Fernando de Azevedo reconhece a prática de atividades físicas como necessária às mulheres, ainda que sejam várias as restrições impostas e os cuidados a serem seguidos. Suas recomendações e prescrições, no que tange os exercícios corporais femininos, direcionam-se para a formação das “obreiras da vida”, afirmando a maternidade como a mais nobre missão da mulher, pois dela depende a regeneração da sociedade.

Ainda que nesses anos o discurso eugenista tenha muita ressonância na sociedade brasileira, não é novidade a sua existência, nem mesmo sua vinculação com a educação física. Ou seja, não foram produzidas neste tempo: já no final do século XIX, vários dos manuais e livros de educação física escritos no Brasil mencionam a especificidade do trabalho físico para as mulheres em função da regeneração e do aprimoramento da raça brasileira. Com a fraqueza das mães começa a do homem, alerta Eduardo de Magalhães, pois:

[...] da mulher fraca, depauperada, nervosa, de estomago susceptível, mal nutrida, não se espere filho bem constituido, nem que possa amamental-o convenientemente: o recém-nascido representa uma cellula do organismo de seus progenitores, maxime da mãe [...] A predestinada a reproduzir a especie, garantir a validez, habilitar o homem a ser homem, apto a lutar pela vida utilmente para si, para a família e para a pátria, – não é devidamente educada entre nós para o desempenho de sua missão sublime (Magalhães apud Cunha Júnior, 1998, p. 40).

Ou seja, a educação da mulher, concretizada também na e pela educação do seu corpo, em última instância deve direcionar-se para a preservação do universal masculino, visto que seu fortalecimento orgânico se constituirá como o caminho obrigatório para a conquista do “homem novo”<sup>3</sup>. Como bem ressalta Sheila Scraton, “preservar e melhorar a saúde das mulheres, aumentando

---

2. No livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, Thomas Laqueur nos mostra como em diferentes momentos históricos o corpo biológico foi tomado como justificador de diferenciações políticas, culturais e sociais entre os sexos.

3. “O gênero é o índice lingüístico da posição política entre os sexos. O gênero é utilizado no singular porque na realidade não há dois gêneros. Só há um: o feminino; o masculino não é um gênero. Já

desse modo suas possibilidades de ter filhos sadios; não tinha nada a ver com a liberação das mulheres das tradicionais restrições de movimentos corporais” (McCrone apud Scraton, 1995, p. 39). Ainda que por vezes esse parecesse ser o discurso oficial, em especial quando se criticava a indolência, o uso do espartilho, a debilidade e a falta de preparo da mulher para enfrentar uma vida que rapidamente se modernizava.

Defensor do fortalecimento orgânico do corpo feminino, Fernando de Azevedo criticava a falta de atenção da família e da escola a esse aspecto tão importante da educação das meninas. Propunha, então, a edificação de uma educação física que, pautada por uma ginástica inteligentemente aplicada, fosse capaz de gerar criaturas de rosadas faces e formas perfeitas diferente daquelas “figurinhas pallidas, angulosas e de peito achatado, que povôam nossos salões, como victimas desta educação deficiente, tyranica, incompleta” (Azevedo, 1920a, p. 90-91).

Nessa perspectiva, cabe à educação física o legado de corrigir tamanhas deficiências. Afinal, são outros os tempos e já não há valor na debilidade nem na indolência. O ócio e a preguiça conformam o mal da alma e devem ser substituídos pela vitalidade do corpo e pela capacidade de resistir às intempéries da vida.

Ao corpo feminino, que se quer forte e saudável, são atribuídas diversas privações que objetivam proteger as características de sua feminilidade e preservar sua fertilidade. Robustos, mas gráteis, reclama Fernando de Azevedo apoiado nos eugenistas e higienistas de seu tempo. Forte, saudável e, fundamentalmente, belo, pois “o typo ideal de beleza que melhor synthetisa os nossos gostos estheticos, não reside apenas traços regulares do rosto, mas na firmeza dos seios, na esbeltez do talhe, na curva dos quadris, e n'esta beleza plastica, emfim, que reçuma das proporções do equilibrio do corpo” (p. 93).

A harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza são identificadas como atributos femininos que devem ser preservados apesar da exercitação física. Deseñhada por esses cânones estéticos, a mãe brasileira, forte em sua missão patriótica, mas ao mesmo tempo graciosa em seus gestos, resultaria da ação morfogenética dos exercícios físicos, que teriam a força de imprimir consistência orgânica ao efeito visual do espartilho e, assim, modelar as formas corporais. Um colete muscular é o que se espera e não o uso de artifícios programados para a consagração de uma estética anacrônica e nociva à saúde feminina.

---

que o masculino não é o masculino, mas sim o geral”. Monique Wittig, citada por Judith Butler, *Sujetos de sexo/gênero/desejo*, 1997. Para Luce Irigaray, “nesta sociedade a mulher existe apenas como uma ocasião para a mediação, transação, transição, transferência entre homens e mesmo entre o homem e ele mesmo (tradução nossa). Disponível em: <[http://www.stfx.ca/people/mmoyrnagh/445/more-445/Concepts/luce\\_sub.html](http://www.stfx.ca/people/mmoyrnagh/445/more-445/Concepts/luce_sub.html)>. Acesso em: 27 abr. 2002.

A construção de um organismo forte, assentada no trinômio “saúde, força e beleza”, passa a ser meticulosamente observada, visto que a densidade do ser forte é tolerada até o ponto em que não ultrapasse aqueles limites ditados por sua “natureza”, ou, ainda, pelo que a biologia convencionou designar como próprio do corpo feminino.

Esses limites são reconhecidos e reafirmados por Fernando de Azevedo, especialmente quando prescreve diferentes atividades físicas para um e outro sexo baseando-se em proposições absolutamente naturalizadas e definitivas do que é ser homem e do que é ser mulher<sup>4</sup>. Não há pluralidade nessas representações, há sim uma série de estreitamentos que encarceram os corpos femininos numa trincheira de significados.

Nem linda flores débeis de estufa, nem viragos. Da mulher que se exercita espera-se um corpo no qual “a beleza está unida à força como o perfume à flôr” (p. 92), motivo pelo qual anuncia:

educação physica da mulher deve ser, portanto, integral, higienica e plastica, e, abrangendo com os trabalhos manuaes os jogos infantis, a gymnastica educativa e os esportes, cingir-se exclusivamente aos jogos e esportes menos violentos e de todo em todo compatíveis com a delicadeza do organismo das mães, como sejam entre estes a dansa classica ao ar livre e a natação, a que deve preceder um curso regular de gymnastica intelligentemente administrada (p. 98).

A natação é observada por Azevedo como um ato psíquico, pois além de ser um dos melhores exercícios respiratórios e uma atividade que proporciona o desenvolvimento harmonioso do músculo, tem um importante valor na luta contra o medo, combatendo, portanto, a “emotividade feminina”, substituindo-a, progressivamente, pelo domínio de si mesma.

A dança clássica ao ar livre vai incorporar outras representações: para além de congregar em si uma função educativa e de regeneração plástica, é também na dança que Fernando de Azevedo vê sua Grécia sendo reedificada. Para ele, as “obreiras da vida”, ao exercitarem seus corpos estão, de certa forma, reafirmando, no seu tempo, os cânones estéticos do passado, pois a dança clássica “pela graça rythmica

---

4. “A resistencia dos braços, a solidez do punho, que tem tanta importancia para o homem tem, para a mulher importancia extraordinariamente menor do que o desenvolvimento da bacia. É impossivel desconhecer e não seria licito na educação pôr de lado a constituição ou o sexo e submeter a juventude, como em Sparta, e agora na Escossia, aos mesmos exercícios; e se importa ter o maior cuidado na organização delicada das meninas, de seu caracter de ‘arbusto delgado que resiste melhor á tempestade que o carvalho secular’, não importa menos dar-lhe, por meio de uma educação physica adequada, o vigor necessario, para que possam sem perigo suportar a maternidade e sahir-se galhardamente das duras provas, que a esperam” (Azevedo, 1920a, p. 96).

do movimento e a harmonia das atitudes estéticas faz lembrar as virgens das *panathenées* e as festas *amphyctionicas*<sup>5</sup>.

Fernando de Azevedo confere visibilidade a esses corpos na sua obra porque são pertencentes aos cânones idealizados para a mulher brasileira cuja feminilidade deveria não apenas estar ligada à condução de uma maternidade saudável, mas também à perpetuação de uma estética que valorizava a harmonia entre os diferentes segmentos corporais. A brasileira seria a imagem reflexa de corpos femininos gregos, seu modelo de perfeição corporal.

No entanto, não são apenas os corpos glamourizados por essa estética que circulavam nos espaços públicos e nas diferentes casas de espetáculo. Nesse mesmo período, outras mulheres exibiam seus corpos para espanto de uns e admiração de outros. Estamos nos referindo às *strongwomen* ou mulheres “forçadas”, que se apresentavam em feiras, circos, shows de teatros e *music-halls* de vários cantos do mundo.

Na passagem do século XIX para o XX, várias adquiriram notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como “profissionais da força”: Athelda, Minerva, Athleta, Gertrudes Leandros, Madame Montagna, Vulcana, Lilian Leitzel, Louise Armando, Mademoiselle Aini, Miss Herta, Madame Stark, Elvira Sansoni, entre outras tornaram-se figuras populares a aparecer, também, nos jornais e revistas que circulavam nessa época. Seus espetáculos percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física em que cada qual inventava diferentes formas de exibir sua arte e, assim, adquirir prestígio e respeito<sup>6</sup>.

Nas duas obras de Fernando de Azevedo não há referência alguma a essas mulheres, ainda que, muito possivelmente, ele tivesse conhecimento delas. Tanto o seu silêncio sobre as mulheres forçadas, quanto a existência de Sandwina, considerada a mulher mais forte do mundo em 1910<sup>7</sup>, são indícios reveladores dos discursos que sustentaram os procedimentos disciplinares daquele tempo.

---

5. Não é sem razão que, ao recomendar a dança, Fernando de Azevedo faz referência explícita à bailarina norte-americana Isadora Duncan. Motivos existem para essa preferência: Isadora reverencia a arte grega e recorre à sua estética para celebrar representações de beleza e de feminilidade ao elaborar e expressar sua arte de dançar. Os movimentos gráteis, os pés descalços, as túnicas leves, os cabelos soltos, a naturalidade dos gestos e a ambientação da dança em locais ao ar livre, por exemplo, são indicativos dessa tentativa.

6. A americana Minerva, por exemplo, entrou para o *Guinness Book*, em 1895, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde subiram 23 homens, totalizando 1.650 quilos (Tood, 1990, p. 15).

7. Em outubro de 1910, Sandwina media 1 metro e 82 centímetros de estatura, pesava cerca 98 quilos e tinha um bíceps de aproximadamente 44 centímetros de diâmetro. O jornal alemão *Woven Man Spricht* publicou, em dezembro de 1910, uma entrevista com ela conferindo-lhe o título “the Iron-



Sandwina nasceu em Viena, no ano de 1884 e se chamava Kate Brumbach. Filha de artistas de circo, desde criança praticava exercícios de força juntamente com três de suas irmãs que, como ela, também faziam exposições públicas demonstrando sua arte. Adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário, que o ergueu somente até a altura do peito. O nome Sandwina, o duplo feminino de Sandow, foi inventado neste dia.

Eugene Sandow era uma figura popular desde o final do século XIX, não só na Europa como também nos Estados Unidos. Além de participar de inúmeras exposições públicas de força física, criou um sistema de treinamento físico voltado para o desenvolvimento muscular, arrematando vários alunos e seguidores. A imagem de seu corpo, moldado pela exercitação, era divulgada também pelo uso da fotografia, como relembra o historiador de arte William Ewing ao afirmar que "na Europa e na América, a imagem de Sandow figurou em milhões de *cartes de visites* e selos" (Ewing, 1996, p. 167).

Eugene Sandow não era desconhecido de Fernando de Azevedo. No seu livro, *Da educação física*, há dois capítulos destinados à análise de seu sistema de treinamento físico<sup>8</sup>, considerado pelo brasileiro como inferior a outros porque se direcionava para o que denominou de "idolatria do músculo", antítese da imagem pétrea de Antinoüs.

Ao criticar o trabalho desenvolvido por Sandow, Fernando de Azevedo refere-se a Eugène Desbonnet como um "professor de educação física que melhorou este systema, obtendo grande resultado sobre consideravel numero de alunos" (Azevedo, 1920a, p. 125). Refere e oculta: Desbonnet publicou no ano de 1911 um livro intitulado *Les rois de la force*, onde agrupou a biografia de vários homens e várias mulheres que faziam exposições de força física. Lá estão citados Sandow e Sandwina. Além disto, Desbonnet identificava Eugene Sandow como o mais famoso *strongman* dos primórdios do esporte moderno<sup>9</sup>, afirmando que sua musculatu-

---

Queen, the world's most powerful woman". Em 1911 numa publicação americana, o *Harper's Weekly*, a ela se referiu: Europe's Queen of Strength, Beauty and dexterity. She'll be Queen of America too..." (Todd, 2002, p. 13).

8. O primeiro intitula-se "O systema Sandow: a idolatria do músculo", e o segundo "Gymnastica de Muller e systema sandowiano: gymnasticas de quarto. Escolas que se degladiam".
9. O próprio Sandow assim identificava seu corpo e não raras vezes, nas suas exposições imitava algumas poses eternizadas nas esculturas clássicas. Na Chicago World's Fair, por exemplo, se apresentou dentro de uma tenda de veludo preto, com o corpo todo coberto por um pó branco, de forma a parecer uma estátua de mármore (Anderson, 2002). Disponível em: <<http://www.sandowmuseum.com/sandowlife.html>>. Acesso em: 18 maio 2002.

ra fora construída seguindo as mesmas proporções das esculturas greco-romanas (Desbonnet, 2002).

Silêncios, ausências, presenças não trazidas à memória. Se Fernando de Azevedo silencia sobre as referências que aproximavam o corpo de Sandow à estatuária greco-romana, em relação ao corpo feminino é possível pensar que seu silêncio é, também, prenhe de significados. Talvez por contrariar os ideais de graça e delicadeza desenhados por ele e grande parte dos intelectuais de seu tempo, corpos como o de Sandwina repousam nas zonas de sombra. São considerados desviantes do que se queria naturalizar como inerente ao feminino. Portanto, não podem ser mencionados nem tornados visíveis, inclusive porque desestabilizavam as imagens construídas para estabilizar e assegurar um jeito feminino de ser e se comportar.

Os exercícios físicos, que deveriam proporcionar às “obreiras da vida” um colete muscular capaz de lhe assegurar força e beleza para a maternidade fácil e para enfrentar os desafios a ela inerentes, eram necessários ao trabalho das *strongwomen*. Se para as primeiras a maternidade sadia é delineada como a culminância de uma longa preparação física, para as artistas de força talvez fossem o espetáculo, os aplausos, as viagens, a profissão, o reconhecimento de sua individualidade alguns dos motivos que exigiam a constante exercitação de seu corpo (Desbonnet, 2002). Não há como saber, ainda que aproximações e distanciamentos possam ser engendrados.

Assim como Fernando de Azevedo, Sandwina também criticava o uso do espartilho. A preocupação do autor estava centrada na deformação dos órgãos internos mediante a compressão excessiva que este acessório da moda impingia sobre o corpo das “obreiras da vida”; para Sandwina talvez fossem outras as razões para seu repúdio. Ao ser questionada por um jornalista alemão acerca do seu uso, responde:

Não, eu nunca uso. Do ponto de vista da saúde é a coisa mais boba para se usar. E, além disso, um homem quando está abraçando uma mulher espera segurar nas suas mãos um corpo macio e flexível – não uma lagosta (Woven Man Spricht apud Iron Game History, 1991, p. 3, tradução nossa).

Não está localizada na preservação de uma maternidade sadia a resposta de Sandwina, mas sim no exercício da sexualidade. Sexualidade colocada à prova quando o mesmo jornalista indaga se ela se interessa por homens: “o que eu posso dizer?”, responde Sandwina como se estivesse perguntando a si mesma, “homens para mim são como ar, você não pode viver sem eles. De vez em quando eu respiro um ar fresco, você sabe” (Woven Man Spricht apud Iron Game History, 1991, p. 4).

A pergunta do jornalista encontra ressonância nesse período, visto que a atividade física em demasia é observada, não raras vezes, como um elemento que

contribuiu para o que se identificou como processo de masculinização da mulher. Isto é, sua aproximação a atributos, habilidades, atitudes, formas corporais e comportamentos estipulados como naturalmente masculinos. Julga-se quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo.

Nesse sentido, é possível pensar o quanto é inquietante a robustez de Sandwina. As características viris atribuídas ao seu corpo permitem não apenas questionar a legitimidade e a feminilidade de sua beleza, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o corpo e o comportamento do homem são o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. Assim, uma mulher que não corresponde aos cânones do corpo feminino é um meio-homem, ou, ainda, uma espécie de homem pela metade.

Sandwina desconstrói essa representação, pois, como várias outras mulheres de seu tempo, inclusive algumas *strongwomen*, era casada, teve filhos e exerceu a maternidade como um dos seus lugares no mundo<sup>10</sup>. Sandwina subverte, seu corpo expõe a fragilidade dessas identidades fixas que tentam estabelecer as fronteiras da feminilidade normal e desviante, seu corpo fissa a ordem dos discursos que se pautam em tais dualismos. Sua robustez não se reduz ao reflexo invertido do corpo masculino universal, pelo contrário, afirma um outro olhar sobre o feminino, desordena convenções, rompe dicotomias, desestrutura, torna sua anatomia inominável<sup>11</sup>.

Sandwina é uma ameaça porque invade territórios que são construídos e vivenciados a partir de olhares e parâmetros próprios dos corpos masculinos. Sua presença confere novos traçados às fronteiras entre o permitido e o proibido, desconstruindo, por fim, o discurso das diferenças naturais como demarcadoras de talentos e funções. Seu corpo excessivamente moldado pelos exercícios físicos ameaça o próprio projeto de transformar as mulheres brasileiras em “obreiras da vida”. Um projeto eleito para exterminar a ociosidade feminina, evitar a degenerescência

---

10. Sandwina foi casada com Max Heymann por 52 anos e teve pelo menos um filho. Batizado com o nome de Theodore, tornou-se lutador de boxe profissional nos Estados Unidos entre os anos de 1926 e 1932, tendo adotado como nome artístico Teddy Sandwina, ou seja, numa referência explícita à sua mãe (Allan Bodner, *When boxing was a jewish sport*, 1997). Athleta, outra *strongwoman* famosa desse período, teve três filhas (Brada, Louise e Anna) que seguiram a profissão da mãe. Para maior informações sobre a biografias de algumas dessas mulheres consultar *Mujeres forzudas*. “Hasta la decada de 1930”. Disponível em: <<http://amaz.freeyellow.com/Forzudas.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2002.

11. Ao escrever sobre as *strongwomen* da virada do século XIX para o XX, Albert McLean afirma que elas estabelecem uma nova relação com a força física envolvendo, simultaneamente, força, feminilidade e independência (Todd, 2002).

da raça e redimir o país do atraso em se fazer grande. Um projeto que, para Fernando de Azevedo, precisa de mulheres fortes, mas não de mulheres “forçudas”.

### The unnamed Sandwina and the workers of life: silences and incentives in the inaugural works of Fernando de Azevedo

*ABSTRACT: In this text we analysed the absence of reference to strongwomen within the movement of incentives to female physical practice in the beginning of the 20<sup>th</sup> Century. Through the inaugural works of Fernando de Azevedo, historical sources and document available on-line, we analysed ways of exaltation of physical exercises for women created under the notion of workers of life, searching for the construction of a female body able to stand the childlabour and motherhood. We also analysed the silence related to hypertrophied female bodies as Sandwina's one, known by beating men in physical strength competition, among them, Eugene Sandow. This attitudes was part of a project that, for Fernando de Azevedo, needed women who were fit but not strongwomen.*  
*KEY-WORDS: History of physical education; body; gender.*

### La inombrable Sandwina y las obreras de la vida: silencios e incentivos en las obras inaugurables de Fernando de Azevedo

*RESUMEN: En este texto analizamos la ausencia de referencias a las mujeres forzudas en el movimiento de incentivo a la ejercitación femenina del inicio del siglo XX. A través de las obras inaugurables de Fernando de Azevedo, de fuentes históricas y documentos disponibles on-line, analizamos las formas de exaltación del ejercicio físico para las mujeres, formuladas con base en la noción de “obreras de la vida”, buscando la constitución de un cuerpo femenino capaz de resistir al parto y a la maternidad. Analizamos también el silencio con relación a los cuerpos femeninos hipertrofiados como el de Sandwina, conocida por vencer hombres en concursos de fuerza física, entre ellos Eugene Sandow. Actitudes estas que hacían parte de un proyecto que, para Fernando de Azevedo, necesitaba de mujeres fuertes, pero no de mujeres forzudas.*  
*PALABRAS CLAVES: Historia de la educación física, cuerpo; género.*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. de. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANDERSON, C. *The life of Eugene Sandow*. Disponível em: <<http://www.sandowmuseum.com/sandowlife.html>>. Acesso em: 18 maio 2002.

- AZEVEDO, F. de. *Da educação física*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920a.
- \_\_\_\_\_. Antinoüs: estudo de cultura athletica. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920b.
- \_\_\_\_\_. *Da educação física: o que ela é, o quem tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BODNER, A. *When boxing was a jewish sport*, 1997. Disponível em: <<http://www.boxrec.com>>. Acesso em: 13 abr. 2002.
- BUTLER, J. Sujeitos de sexo/gênero/desejo. *Feminaria*, Buenos Aires, ano X, n. 19, p. 1-20, jul. 1997.
- CUNHA JÚNIOR, C. F. F. da. A produção teórica brasileira sobre educação física/ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*, Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, v. 3.
- DESBONNET, E. *The great Sandow*. Disponível em: <<http://sandowmuseum.com/page23.html>>. Acesso em: 23 mar. 2002.
- EWING, W. *El cuerpo*: fotografías de la configuración humana. Madrid: Ediciones Siruela, 1996.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, s/d.
- IRON GAME HISTORY. Talking with the world's strongest woman. v. 1, n. 6, p. 3, ago. 1991. Disponível em: <[http://www.aafa.org/search/search\\_frmst.htm](http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm)>. Acesso em: 26 mar. 2002.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LOURO, G. L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: UFSC/CFCH, v. 9, n. 2, p. 541-553, jul./dez. 2001.
- MARQUES, V. R. B. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994.
- PENNA, M. L. *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- PESSANHA, J. A. Filosofia e modernidade: racionalidade, imaginação e ética. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/Faced, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 1997.
- SCRATON, S. *Educación física de las niñas: un enfoque feminista*. Madrid: Morata, 1995.
- TODD, J. The mystery of Minerva. *Iron Games History*. v. 1, n. 2, p.14-17, abr. 1990. Disponível em: <[http://www.aafa.org/search/search\\_frmst.htm](http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm)>. Acesso em: 25 mar. 2002.

\_\_\_\_\_. The origins of weight training for female athletes in North America. *Iron Games History*. v. 2, n. 2, p. 4-14, abr. 1992. Disponível em: <[http://www.aafa.org/search/search\\_frmst.htm](http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm)>. Acesso em: 25 mar. 2002.

\_\_\_\_\_. *Entertainers or athletes?* Professional strongwomen, vaudeville and the early-twentieth-century fascination with female strength. Disponível em: <[http://www.aafa.org/SportsLibrary/NASSH\\_Proceedings/NP1996/NP1996l.pdf](http://www.aafa.org/SportsLibrary/NASSH_Proceedings/NP1996/NP1996l.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2002.

TODD, J.; TODD, T. *A legacy of strength*: the cultural phenomenon of the professional strongwoman. North American Society for Sport History. *Proceedings & Newsletter*, 1987, p. 13-14. Disponível em: <[http://www.aafa.org/search/search\\_frmst.htm](http://www.aafa.org/search/search_frmst.htm)>. Acesso em: 25 mar. 2002.

Recebido: 28 mar. 2003

Aprovado: 30 abr. 2003

Endereço para correspondência  
Silvana Vilodre Goellner  
Rua Ramiro Barcelos, 1920, apto. 41  
Bom Fim  
Porto Alegre - RS  
CEP 90035-002